

# Representação da informação e a representatividade das identidades: reflexões para uma biblioteconomia para todos

Angelita Garcia dos Santos<sup>1</sup>

Um profissional bibliotecário melhor preparado em relação à diversidade dos povos possibilita ampliação do repertório, melhor composição de acervo e mantém, no serviço de informações, uma equipe mais representativa em relação à sociedade. O (re)conhecimento em torno de temas como relações étnico-raciais, diversidade de identidade de gênero, diversidade de corpos, por exemplo, vai garantir não somente um acervo amplo, mas também leva a interações dignas e inclusivas com os leitores e profissionais do Serviço de Informações onde atua. Considerando as relações sociais brasileiras e o racismo presente nelas, esse conhecimento é fortalecedor inclusive quando relações étnico-raciais não for a temática central da pesquisa em seu acervo.

O racismo e a discriminação racial são constituintes da sociedade brasileira e a representação da informação não pode ficar à parte dessa realidade histórica pois o enfrentamento ao racismo é fundamental para a descolonização do saber científico nacional<sup>2</sup>. Na contemporaneidade, diversas publicações têm possibilitado um reconhecimento da história e cultura brasileira tendo as pessoas africanas e afro-brasileiras como protagonistas, principalmente se considerarmos a produção acadêmica.

Desconsiderar a produção de saber das pessoas negras no acervo, por exemplo, configura em uma estratégia que não ajuda em nada um cenário de discriminação, como muito ocorre em nossa sociedade. Um profissional da

---

<sup>1</sup> Texto produzido para a disciplina Comunicação, Culturas e Diversidade, ministrado pela Profa. Dra. Caroline Cotta de Mello Freitas, durante o 3º semestre da Graduação em Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política, em junho de 2022.

<sup>2</sup> Em sua dissertação de mestrado, intitulada Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil, a bibliotecária Franciéle Garces aborda essa construção. (SILVA, 2019)

ciência da informação que não está atento à diversidade de narrativas e autorias, acaba por corroborar com a ideia discriminatória de que pessoas negras não têm capacidade intelectual ou, que pessoas negras não ocupam os espaços de produção e disseminação de conhecimento, ou ainda legitimando a produção de saberes de não negras, corroborando com o racismo informacional. Essa é uma prática conhecida por epistemicídio que, segundo Alves, “(...) enquanto mecanismo de censura dos saberes, é resultado de um *modus operandi* da produção científica imersa em disputas políticas e relações de poder.” (2022). O profissional bibliotecário deve se ater à composição de seu acervo para que ele represente diversos contingentes populacionais na autoria e na temática.

As produções literárias periféricas<sup>3</sup>, que trazem o sujeito marginalizado como escritor e produtor literário, que cada vez mais compõem os acervos de bibliotecas, demandam o olhar atento do bibliotecário, seja ele gestor, mediador cultural ou catalogador. Esses profissionais, podem fazer da diversidade das autorias, narrativas e conteúdo das obras uma riqueza de saberes em seu acervo, possibilitando a si, sua equipe e seu público escolhas mais amplas para que o serviço, efetivamente, atenda a todas as pessoas.

As produções de autores e pesquisadores negros não são novidade, afinal a produção intelectual e literária é uma característica das diversas culturas. O que acontece, no caso brasileiro, é que os pesquisadores publicamente reconhecidos que abordam as relações raciais na literatura, por exemplo, nem sempre foram os negros e negras, como explicita Proença Filho (2004).

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade, embora com menor presença na repercussão pública.

Essa tomada de posição literária relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros que marcam o início do século atual e vem ganhando contornos mais nítidos e definidos ao longo

---

3 Segundo Érica Peçanha, que desenvolveu em seu mestrado a pesquisa *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*, “(...) tais escritores estão orientados pelo projeto intelectual comum de “dar voz” ao seu grupo social de origem, através de relatos dos problemas que os acomete em textos literários; e de conferir nova significação à periferia, por meio da valorização da “cultura” de tal espaço. Esta noção de cultura da periferia englobaria tanto à ideia de um conjunto simbólico próprio dos membros das camadas populares que habitam em bairros da periferia urbana quanto a alguns produtos e movimentos artístico-culturais por eles protagonizados.” (NASCIMENTO, 2010)

desse período histórico, com maior ou menor evidência (PROENÇA FILHO, 2004, p. 16).

Representatividade deveria ser um tema de conhecimento dos profissionais bibliotecários já que, em diferentes ações nas bibliotecas e demais serviços de informações, o que se faz é representar a informação. Então, estar atento ao que representa algo ou alguém (ou alguéns, considerando a ideia de povos) deveria ser parte da rotina dos serviços de informação. Os diversos membros da equipe, majoritariamente liderados por profissional bibliotecário, deveriam ter um entendimento natural e fluido desse processo. Aqui, abordamos a representatividade como um espaço político e não estético, apenas, ainda que o estético seja importante para um reconhecimento mais expressivo da realidade dos povos descendentes de africanos e toda sua produção literária. É a representatividade que vai garantir o enfrentamento à ausência da diversidade de pessoas nas narrativas, nas produções e na disseminação da informação.

O objetivo aqui não é responsabilizar o profissional bibliotecário sobre o devido reconhecimento e solução do apagamento científico e documental da produção sobre e da população negra. A intenção é dialogar com a potência que é um serviço de informação que pautar o reconhecimento histórico, revelando informações que podem não apenas apoiar a pesquisa do usuário, além de diferenciar neutralidade de isenção de responsabilidade informacional. Nesse sentido, a formação do profissional bibliotecário deve levar em conta a atenção às inovações conceituais, não apenas como modismos discursivos<sup>4</sup>, mas como estratégias de enfrentamento às desigualdades, como salienta Moura (2013):

O profissional-bibliotecário deve ser competente com uma formação flexível e contextualizada; ser reflexivo e crítico no campo de sua atividade profissional e de investigação; estar aberto às mudanças, ao novo, ao diálogo, à ação cooperativa na sua relação com os usuários; ser exigente na interpretação crítica da informação e da sociedade de seu tempo; ser interativo possibilitando ao aluno desenvolver-se integralmente nas dimensões cognitiva, afetiva, social, moral, física, estética (MERCADO, 2012).

Sendo assim, com as recentes mutações socioculturais aumentaram a responsabilidade de gestores dos cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação no sentido de investirem densamente na formação contínua dos profissionais do presente e do

---

<sup>4</sup> Utilizo essa expressão a partir da leitura de duas matérias que abordam o quanto falar sobre racismo e "se posicionar" em redes sociais contra práticas racistas nem sempre garante a equidade. As matérias do site da Geledes, uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira aborda esse tema em várias matérias mas destaco duas que me inspiraram a usar a expressão "modismo discursivo": "Está na moda ser preto, desde que você não seja preto." e "Racismo: a moda que nunca sai de moda (ou Por que prefiro colete à jaqueta)".

futuro para renovarem suas práticas de organização e representação da informação visando a preservação da memória não apenas dos saberes eurocêntricos, mas também dos saberes afrocêntricos de modo a tornar mais visível a riqueza cultural da ancestralidade africana e afrodescendente, bem como dos demais grupos excluídos da sociedade brasileira. (MOURA, 2013, p. 20)

É a partir desse trecho da professora Maria Aparecida Moura, sobre a necessidade de que o bibliotecário construa sua formação pautada no reconhecimento sobre a diversidade da sociedade, que me sinto provocada (e, também, provocadora) a me levantar e me debruçar sobre esse tema durante a graduação e, provavelmente, em toda a futura carreira como bibliotecária.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro: do epistemicídio à [des]colonialidade nos anais do ENANCIB. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20236>. Acesso em: 03jun.2022

MOURA, Maria Aparecida. Leitor-bibliotecário: interpretação, memória e as contradições da subjetividade. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [S.l.], v. 9, n. 2, nov. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/357/166> . Acesso em: 06 jun.2022.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate. *RUA* [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109/e-ISSN 2179-9911. Disponível em <https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/home/capaArtigo.rua?id=96> Acesso em 03jun.2022.

PORTAL Geledés. Racismo: a moda que nunca sai de moda (ou Por que prefiro colete à jaqueta). São Paulo: 08 abr. 2020. Disponível em <https://www.geledes.org.br/racismo-a-moda-que-nunca-sai-de-moda-ou-por-que-prefiro-colete-a-jaqueta/> . Acesso em: 06 jun.2022.

PROENCA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo , v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em 06jun.2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. A inserção das temáticas africana e afro-brasileira e o ensino de Biblioteconomia: avaliação em instituição de ensino superior de Santa Catarina. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 143-182, set. 2019. ISSN 1980-6949. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1273> . Acesso em: 03 jun. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Representações Sociais acerca das Culturas Africana e Afro-Brasileira na Educação em Biblioteconomia no Brasil. 2019. 521f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019.